

MAGIE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO V N.º 270 — PREÇO 9\$00 — 5/11/81

CONTRATO COM A SOLVERDE ASSINADO

PODER LOCAL: MOÇÕES E QUE MAIS?

Com a assinatura, na passada semana, do novo contrato da zona de jogo de Espinho, que prevê nomeadamente o seu funcionamento durante todo o ano, e em contrapartida faz recair sobre a concessionária Solverde obrigações perfeitamente ridículas na sua insignificância, deu-se mais um passo para tornar irreversível uma decisão que tanto afecta os interesses da cidade e do concelho.

Os vários órgãos do poder local de Espinho, sobretudo através da Câmara e da Assembleia Municipal, aprovaram já diversas moções e protestos contra tal situação. Foi mesmo solicitada uma entrevista ao Primeiro-Ministro, que entretanto a endossou para o Secretário de Estado do Turismo não se

sabe para quando. Perante a recente assinatura do contrato, a Câmara deverá ter enviado um telegrama a protestar contra aquela confirmação da arbitrariedade e da total ignorância das posições do poder local.

Não podem, pois, restar dúvidas da responsabilidade do poder central ao avançar na sua determinação de dar a mão à Solverde, mesmo contra a clara e inequívoca condenação de todos os sectores políticos representados nos órgãos de poder local espinhense. Se dúvidas ficam, são as de saber se o poder local tudo terá feito para obstar à concretização de um contrato tão contrário aos interesses locais. Na verdade, não basta aprovar moções ou fazer afirmações condenatórias nas reuniões do executivo, e depois assis-

tir-se na prática por parte de certos vereadores, a posição de autêntica contemporização, que se traduz num deixar andar até que tudo fica consumado e nada mais resta senão aprovar outra moção de repúdio. Esses senhores poderão assim ficar talvez tranquilos com a sua consciência e até apregoar publicamente a condenação do governo que tal permite e da empresa que assim aproveita, mas não podem é honestamente dizer que tudo fizeram para evitar este atentado a Espinho. O exercício do poder local não pode ser um acto mais ou menos rotineiro de se sentar à mesa das sessões duas vezes por mês a debitar posições e moções. É que enquanto alguns a isso se limitam, há quem aproveite para ir fazendo o seu jogo.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESPINHO

«Influência do antigo

elitismo ainda permanece»

«Só com o alargamento das áreas de estudos actualmente existentes nesta Escola, sobretudo a partir do 10.º ano, e com a autorização para serem as escolas da cidade a resolverem as situações que vão surgindo, o que passaria pela possibilidade de definirem entre si o número de turmas, caso tal fosse necessário, é que se poderá resolver a notória diferença no número de alunos que frequentam uma e outra escola, com todas as consequências prejudiciais que tal estado de coisas traz consigo.»

Isto, e muito mais, nos afirmou o Dr. Pereira de Melo,

presidente do Conselho Directivo da Escola Secundária de Espinho, no decorrer de uma entrevista em que abordámos junto dele e da Dr.ª Maria de Lurdes F. da Fonseca, igualmente daquele Conselho, algumas das questões mais actuais do ensino secundário em Espinho. Para esta entrevista chamamos a atenção dos nossos leitores, bem como para as que em breve publicaremos com elementos dos outros conselhos directivos das escolas da cidade, num trabalho que tem por fim esclarecer melhor alguns aspectos mais significativos e polémicos do sector.

Entrevista com o Conselho Directivo na pág. 8

BOMBEIROS EM FESTA

ESCADA

MAGIRUS

CHEGOU!

Leia na página 3



LUTA DOS TRABALHADORES CONTINUA

«Hércules» e «Luso-Celulóide» também paralisaram

▪ Nova greve no sector têxtil

A situação laboral em Espinho continua agitada, como temos vindo a acompanhar com pormenor. Os trabalhadores, sobretudo dos sectores têxtil e químico, estão a desenvolver lutas que poderão surpreender muitos dos que pensavam que eles estariam dispostos a assistir calmamente ao constante adiar da justa actualização

dos seus salários e à destruição de algumas das suas regalias mais importantes. Os patrões serão, talvez, dos mais surpreendidos por uma vaga crescente de greves e outras formas de luta que alguns já julgavam para sempre afastadas das suas empresas.

Página 5

A ALMOÇARADA

E O «NOVO POLO TURÍSTICO»

Página 3

130 FILMES, 22 PAÍSES

Estamos a breves dias do CINANIMA 81. As notícias últimas precipitam-se, o trabalho de organização ganha maior intensidade, as perspectivas são as melhores nos mais diversos aspectos em que o festival deste ano se desdobrará. As últimas, últimas, vamos guardá-las para a próxima semana, altura em que já se poderá ter o programa detalhado das actividades.

De qualquer modo, quanto às três frentes principais do festival já há alguns dados mais concretos e revelações agradáveis: na frente competitiva teremos 130 filmes e 22 países, os ateliers funcionarão em três modalidades, e as sessões não competitivas incluirão retrospectivas do que melhor se fez no Canadá nos últimos quarenta anos.

Página 4

81
CINANIMA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL - MOÇÃO

CONTRATO DA CONCESSÃO DA ZONA DE JOGO DE ESPINHO

Para efeitos de publicação no próximo número desse Jornal, informo que a Assembleia Municipal de Espinho, aprovou por maioria absoluta em sua sessão de 1-10-1981 uma proposta/moção, relativa ao contrato da concessão da Zona de Jogo de Espinho e que é do seguinte teor:

PROPOSTA/MOÇÃO

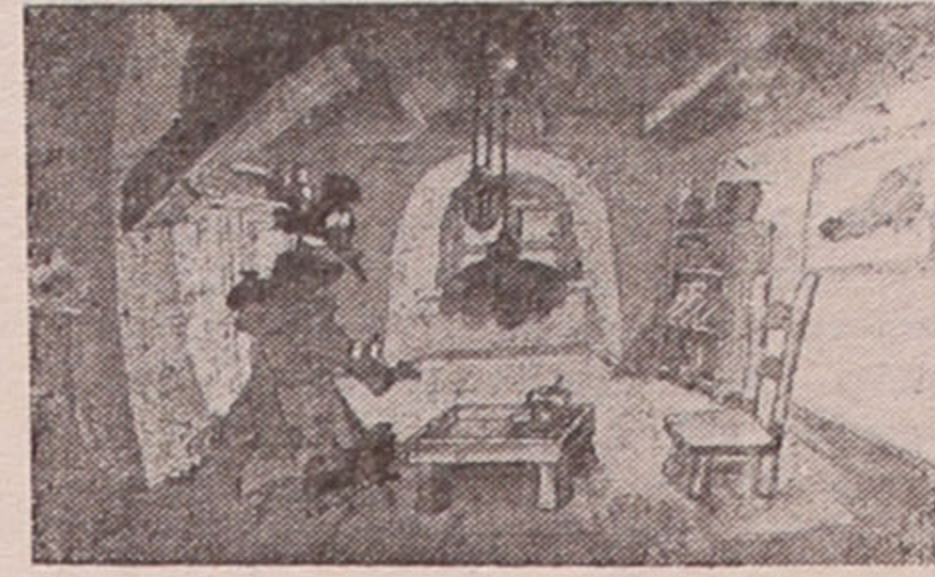
- a — Considerando que a Câmara Municipal de Espinho propusera ao Governo por intermédio das Entidades competentes, que as alterações a introduzir no contrato de concessão da Zona de Jogo de Espinho, deveriam ter em conta um conjunto de novas obrigações, num total de mais de 200.000 contos, resultantes nomeadamente da desvalorização da moeda e alteração do prazo de exploração (temporária para permanente);
- b — Considerando a Câmara Municipal e também a Assembleia Municipal que tais obrigações se deveriam dirigir fundamentalmente para a construção de habitações sociais, saneamento básico, infraestruturas desportivas (aumento de verbas para o Estádio Municipal);
- c — Tendo em conta que, surpreendentemente o Decreto Regulamentar 40/81 de 27 de Agosto passado do Ministério do Comércio e Turismo, não contempla no mínimo (em valor e em qualidade) a sugestão da Câmara Municipal e os interesses das populações do Concelho;

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO, reunida em sessão ordinária de 25 de Setembro de 1981, delibera:

- 1 — Associar-se à posição tomada por unanimidade, pela Câmara Municipal de Espinho de 10 do corrente, discordando do referido Decreto regulamentar 40/81 do Ministério do Comércio e Turismo;
- 2 — Repudiar, por lesivo dos interesses da população do Concelho o conteúdo do referido Decreto Regulamentar;
- 3 — Solicitar do Governo, a revogação daquele diploma e a publicação de outro, que tenha em conta as sugestões da Câmara Municipal de Espinho;
- 4 — Remeter para os fins convenientes a presente moção, à Presidência da República, Primeiro Ministro, Grupos Parlamentares com Assento na Assembleia da República e Secretário de Estado de Turismo, dando-lhe ainda publicidade nos Semanários do Concelho e nos três Jornais Diários do Norte, respectivamente, Jornal de Notícias, O Comércio do Porto e Primeiro de Janeiro;
- 5 — Do conteúdo da presente deverá ser dado conhecimento à Câmara Municipal de Espinho.

O Presidente da Assembleia Municipal,
Luís Couto Alves Gomes

CINANIMA 81

TRÊS
SESSÕES
DE LUXO

Retrospectiva do Canadá

Os quarenta anos de produção de cinema de animação do «Office National du Film» do Canadá estarão presentes no CINANIMA 81 através de uma retrospectiva do que mais importantes se tem feito em cinema de animação, num país que incontestavelmente lidera a produção do CA em termos de qualidade e que foi responsável pelos grandes saltos que o CA deu em campos até então desconhecidos. A esta descoberta de novos caminhos está intimamente associado o nome de Norman McLaren, que tem vários dos seus filmes a integrar a primeira retrospectiva, que cobre o período de 1941 a 1967. Entre eles, os filmes «Neighbours» (Vizinhos), «Rhythmic» e «Pas de Deux», há muito já com um lugar próprio na História do CA.

Na segunda retrospectiva aparece a nova geração de realiza-

dores que continuaram a linha de criatividade de McLaren. Vai de 1967 a 1974 e traz-nos nomes como Coe Hoedeman («Tchou-tchou») e Caroline Leaf («Le Mariage du Hibou»).

A terceira retrospectiva, de 74 a 79, far-nos-á rever alguns dos filmes que melhores recordações deixaram em anteriores edições do CINANIMA, quem não se lembra de «O Paisagista», realizado com o tal painel de milhares de alfinetes de Alexandreiev, do «Getting Started», premiado no ano passado, e dessa maravilha de 13 minutos que se chama «O Castelo da Areia»?

E é claro que, entre os 38 filmes que constituem esta retrospectiva nos aparecerão outras agradáveis surpresas. Lembremos só que estes são a «final» da produção do Canadá que nos últimos quarenta anos já recolheu cerca de 2.000 prémios internacionais.

130 FILMES,
22 PAÍSES
E... A ONU

São vinte e dois os países que farão chegar até nós, neste CINANIMA 81, os 130 filmes inscritos no festival. Vejamos a lista:

EUROPA

Portugal
Espanha
França
Itália
Inglaterra
Bélgica
RFA
Dinamarca
Noruega
Suécia
Jugoslávia
Polónia
Checoslováquia
Hungria
URSS
Roménia

AMÉRICAS

Canadá
EUA
Cuba
Brasil

ÁSIA

Índia
Japão

É de notar a estreia da Itália com filmes a concurso, enquanto que, no campo dos países mais representados se contam o Brasil, com 20 filmes, a Checoslováquia com 17 e a Inglaterra, com 16. A par da indispensável presença dos países com mais tradições no cinema de animação (Canadá, Jugoslávia, EUA, Hungria, Polónia, URSS) é de notar a aposta que continuam a fazer no CINANIMA as filmografias menos conhecidas, com particular realce para Cuba, a Índia e o Brasil, que este ano se apresenta em força. Confirma-se assim o papel «sui-generis» do CINANIMA no «diálogo Norte-Sul» no campo do C.A. De registar ainda a vinda de um filme checo, patrocinado pela ONU, e que tem como tema a questão candente da corrida mundial aos armamentos. O título é «Isto é o fim?»...

Três ateliers

Ao fazer funcionar mais uma vez os seus ateliers de animação o CINANIMA não tem como objectivo primeiro manter, por tradição, uma iniciativa que é inédita em festivais internacionais de cinema de animação. Mais do que isso, pretende dar continuidade a um trabalho de formação de futuros criadores do C. A. e de instalação definitiva em Portugal desta técnica como uma linguagem didáctica de valor inestimável. De tudo isto se concluiu a necessidade de fazer funcionar, em simultâneo, três ateliers:

ATELIER ANIMAÇÃO — a desenvolver nos moldes anteriores, destinado prioritariamente a alunos das escolas de artes do País.

ATELIER DESENVOLVIMENTO — a desenvolver tendo em atenção o tratamento da cor e com introdução da criação sonora, destinada exclusivamente aos participantes dos ateliers que ocorreram durante as duas últimas edições do CINANIMA.

ATELIER/ESCOLAS — a desenvolver no âmbito do «atelier permanente», realização que es-

ta comissão organizadora com a colaboração do ensino básico prevê realizar ao longo do ano lectivo e destinado aos jovens, já sensibilizados para a decomposição do movimento, tratamento da forma, cor, etc.

O ATELIER funcionará de segunda-feira (dia 16 de Novembro) até sexta-feira (dia 20 de Novembro) no Salão Municipal da Piscina de Espinho, das 10 às 18 horas (com o necessário intervalo à hora do almoço).

Verificar-se-á uma reunião preparatória com todos os participantes e orientadores (GASTON ROCH, COLLODION HUMIDE e Núcleo de Animadores da NASCENTE) no domingo dia 15 às 21.30 horas, no mesmo local.

O encerramento do ATELIER será às 15 horas de sexta-feira após um debate geral, no qual para lá dos elementos atrás referidos, participarão realizadores de cinema de animação presentes no Festival, assim como críticos, jornalistas e associações de cinema.

CASA EMANUEL

O CHARME EM ACESSÓRIOS FEMININOS

BIJUTARIAS, CARTEIRAS, POCHETTES, LENÇOS, LUVAS ECHARPES, CHAPÉUS BOINAS, GUARDA-CHUVAS ETC.

CENTRO COMERCIAL SOLVERDE — 1.º ANDAR
Avenida 8 — ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:
Rua 19 n.º 401 1.º
Telefone 920093
ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos.
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TEL. 920091

RAICA

PRONTO A VESTIR
HOMEM - SENHORA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 922896
ESPINHO

NUNO A. PEREIRA

PSIQUIATRA
MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS NERVOSAS

CONSULTÓRIO: RUA 31 N.º 321
MARCAÇÕES — 18,30 H. — 21,30 H.
TELEFONE 920689 — ESPINHO

M MOREIRA OCULISTA
ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700 4500 ESPINHO

SUPERMERCADO DO LAR

Já inaugurou a sua nova Filial no PICÓTO/Feira
NÃO PERCA — Veja a maior exposição de artigos
para o LAR

ALCATIFAS, PAPÉIS DE PAREDE, MOBILIAS, SOFAS,
PAVIMENTOS, MOBILIÁRIO CROMADO, CRITAIS.

PREÇOS EXCEPCIONAIS

SEDE: Rua 62 N.º 227-231 Telef. 922986 — ESPINHO
FILIAL: Est. Nacional 1 Telef. 9643575 — PICÓTO - FEIRA

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:
R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO
Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964
4500 ESPINHO

Carlos Albuquerque
Pinho
MÉDICO

Doenças do aparelho
digestivo

Endoscopia digestiva

CONSULTÓRIO

Rua 31 n.º 321
Telef. 924401 — ESPINHO

Luta dos trabalhadores continua

Na semana que passou, a atenção centrou-se no sector químico, onde uma greve marcada a nível nacional para quinta-feira em defesa da revisão do CCTV e contra o arrastamento das negociações era aguardada com expectativa. E se a adesão a nível nacional andou, segundo fontes sindicais, pelos 80%, em Espinho foi também francamente significativa. Na fábrica Hércules o turno da manhã parou cerca de 60% e o turno da noite em 100%, a demonstrar uma disposição para a luta que surpreendeu tudo e todos. Em contacto com os trabalhadores em greve pudemos aperceber-nos do que significava para eles a participação na luta e a consciência que lhes veio trazer do muito que têm ainda a fazer para defender os seus direitos. Quanto à Luso-Cellulósida, empresa tradicionalmente difícil e onde a organização dos trabalhadores tem encontrado muitos contratemplos, de que foi exemplo ainda muito recente o sucedido a propósito da realização de um plenário, registou-se a paralisação de 13 trabalhadores, o que deverá ter afectado substancialmente a produção, por se tratar de operários a trabalhar



Os trabalhadores continuam em luta pela defesa dos seus direitos e conquistas. Hoje mesmo, nova greve está convocada para o sector têxtil, devendo ser especialmente sentida na Corfi e Fontes

em máquinas. Junto dos trabalhadores em greve de ambas as empresas recolhemos depoimentos que abaixo transcrevemos.

Entretanto, esta semana, hoje mesmo, haverá nova greve no sector têxtil, convocada a nível nacional. A «Fontes» parará também na quarta-feira e na sexta, em defesa do caderno reivindicativo da empresa, a exemplo do que sucedera já na greve

anterior. Quanto à Corfi, sabe-se que a entidade patronal decidiu premiar com mais 700\$00 no mês de Outubro os trabalhadores afectos à UGT e que não aderiram à greve. Ao que consta alguns deles terão manifestado o seu descontentamento por tão pequena regalia, e é possível que venham a optar por aderir à luta dos seus camaradas.

NA HÉRCULES

«A gente chega a certo ponto que tem que tomar uma decisão...»

Na tarde de quinta-feira, quando no deslocámos até junto da Hércules, falámos com diversas trabalhadoras em greve e que se encontravam próximo da fábrica. Sobre a adesão à greve nesse momento, foi-nos dito:

— Neste momento estão a trabalhar 21 mulheres e estamos cá fora 29. Dos homens só um é que parou, os outros estão a trabalhar. Olhe o pai daquela que está ali não fez greve, mas ela cá está.

Os trabalhadores da Hércules estiveram durante bastante tem-

po desorganizados, ao ponto de não fazerem qualquer uso das horas a que têm direito para a realização de plenários. Sempre que os faziam era fora das horas de serviço. Até por isso, caiu muito mal entre eles a atitude assumida pela entidade patronal na altura em que pretenderam realizar um plenário, em Junho, com a presença de um dirigente sindical.

— Não estiveram com meias medidas: pegaram e mandaram-nos a todos cá para fora, não deixaram fazer o plenário lá

dentro. Está bem que tinham alguma razão, porque por vários problemas a realização do plenário não tinha sido comunicada. Mas não era coisa que nos fizessem, e isso marcou muito fundo. Estou até em crer que foi uma razão que hoje acabou por nos decidir a fazer a greve, porque a gente ainda hesitava em fazer, eu quando vim trabalhar ainda não tinha uma ideia clara do que ia fazer, mas chegámos cá e entrámos mesmo na greve.

continua na página 6

NA LUSO-CELULÓIDE

«Escondem com uma mão o que fazem com a outra...»

O pessoal das máquinas parou quase todo, somos treze. Só não pararam alguns que já têm trinta anos de casa.

Por parte da entidade patronal, houve pressões sobre os trabalhadores por causa desta greve?

— Podemos dizer que directamente não se verificou um tipo de repressão como a que houve, por exemplo, no dia do plenário da semana passada. O que há sempre é os caciques que, como de costume, tratam de fazer as suas intimidações a outros trabalhadores, são na mesma operários e substituem os patrões nas pressões sobre os trabalhadores. Assim estes não aparecem directamente, como se costuma dizer escondem com uma mão o que fazem com a outra.

Mas na altura do plenário

a repressão foi muito clara e imediata?

— Sim, sim. Nós tínhamos plenário da uma às três da tarde, mas como o patrão não deixou que se fizesse dentro da empresa tivemos que o fazer cá fora. Por isso mesmo é que muitos trabalhadores não tiveram força para estar presentes e foram trabalhar. Os que ficaram, quando quiseram retomar o trabalho, no fim do plenário, foi-lhes comunicado por um fiel de armazém que a ordem do patrão era que só podiam retomar o serviço no dia seguinte. Ainda tentámos obter uma confirmação por escrito dessa proibição que nos era feita de trabalhar, mas nem a presença de dirigentes sindicais que lá estavam na altura conseguiu alguma coisa. Dias depois a entidade patronal veio com o livro das faltas injustificadas e

chamou um por um dos que tinham estado no plenário para assinar a falta. Mas é claro que ninguém assinou, à excepção de um contratado a prazo que assinou como tendo faltado cinco horas quando afinal foi a entidade patronal que não o deixou trabalhar.

E acrescentava outro trabalhador:

— Desde o 25 de Abril foi o primeiro e único plenário que se fez lá, até porque o patrão nunca deixou que se fizessem plenários no interior da empresa. Entregámos o aviso ao plenário e pela primeira vez íamos gastar duas horas das quinze a que temos direito durante o ano para fazer plenários, e mesmo assim o patrão teve a coragem de tomar uma atitude destas. Mas vale está mal ha-

continua na página 6

TRABALHO

DE ESPINHO AO PAÍS

A situação que no sector do trabalho se tem vindo a viver em Espinho não se encontra certamente isolada do contexto nacional, e só poderá ser melhor compreendida a partir dessa constatação. Isto não só porque as lutas a que temos vindo a assistir nas fábricas da cidade e região se inserem na estratégia global dos sindicatos em defesa dos interesses dos trabalhadores, casos das greves nacionais dos sectores têxtil e químico, mas também porque só partindo desse facto se poderá melhor compreender as posições do patronato local. A verdade que vem cada vez mais ao de cima é, que se as situações de impasse e falta de acordo na Corfi e na Fontes, por exemplo, se mantêm, cada vez parece mais claro que isso se fica a dever não às reais dificuldades dessas empresas em aceitar as exigências mínimas dos trabalhadores, mas sim à não disposição do patronato em dar sinal de fraqueza e aceitação da força dos trabalhadores, o que poderia ter outras consequências para além destas fábricas.

A nível nacional, o que

se vem observando é uma crescente ofensiva do patronato e governo contra as conquistas dos trabalhadores de que o sinal mais recente foi dado com a exigência por representantes do grande capital nacional e estrangeiro de liberalização dos despedimentos, a que o governo se apressou a responder com a entrega na Assembleia da República de propostas de lei relativas a despedimentos e contratos a prazo. Esta ofensiva contra os legítimos interesses dos trabalhadores tem, por outro lado, a cobertura dos sindicatos amarelos ligados à UGT que a nível das empresas, caso da Corfi, por exemplo, acompanham a par e passo as posições do patronato, que pretende ver os trabalhadores aceitar o contrato que é estabelecido com os divisionistas.

Entre nós, em Espinho, assistimos a aspectos parciais desta luta que se vem travando cada vez mais agudamente, e é bom que todos vamos tendo consciência do que significa a crescente disposição dos trabalhadores para a defesa dos seus interesses, e da solidariedade que tal luta nos exige.

11 DE NOVEMBRO

Eleições no Sindicato de Hotelaria do Centro

O novo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares, surgido da fusão dos anteriores sindicatos de Aveiro, Coimbra e Viseu, vai ver escolhidos no próximo dia 11 os seus primeiros corpos gerentes.

Neste acto eleitoral apenas concorrerá uma lista (a lista A), que se afirma verdadeiramente unitária, integrada por pessoas de diferentes opiniões políticas, e garante a defesa de todos os trabalhadores do sector.

Esta lista é constituída por 24 elementos, oriundos dos 7 distritos abrangidos pelo Sindicato, elementos esses na sua maioria membros das direcções dos ex-Sindicatos de Aveiro, Coimbra e Viseu, e ainda por delegados e activistas sindicais.

ALGUNS PONTOS PROGRAMÁTICOS

«Pelo reforço da unidade e da organização sindical; pela melhoria das condições de vida e pela defesa do 25 de Abril» é o lema da Lista A. Além disto, e nos aspectos pontuais do seu Programa ressaltam a luta contra os despedimentos individuais e colectivos, contra a utilização abusiva dos contratos a prazo e pela vigência de 12 meses para as tabelas salariais. No campo da Saúde e Assistência Social, são objectivos desta lista a luta pela desburocratização da Previdência e pela implantação prática do Serviço Nacional da Saúde

O ACTO ELEITORAL

Como já referimos, terá lugar no próximo dia 11 e espera-se que haja um bom índice de participação. Em Espinho, as mesas de voto funcionarão em dois locais: na delegação local do Sindicato, das 9 às 19 horas; no Hotel PraiaGolfe, das 11 às 17. Na delegação de Aveiro, também das 9 às 19.

É óbvio que a participação massiva e consciente dos trabalhadores do sector neste acto eleitoral constituirá uma forte motivação no sentido de reforçar a unidade com vista à resolução dos problemas dos trabalhadores de Hotelaria da Zona Centro.

A greve na «Hércules»...

Mas outras razões se foram avolumando para aumentar o mal-estar entre as trabalhadoras:

— Depois deram aumentos a alguns trabalhadores, mas houve operárias, entre as quais mulheres que trabalham há trinta anos sem nunca ter recebido baixas, que não levaram nada, precisamente porque ultimamente tinham estado doentes e tinham faltado. Desde que não tivessem trabalhado 25 dias, mesmo que fosse por doença ou parto, automaticamente não tinham esse aumento. E tem havido mais problemas, e foi isso que nos convenceu a organizar porque se não daqui a pouco...

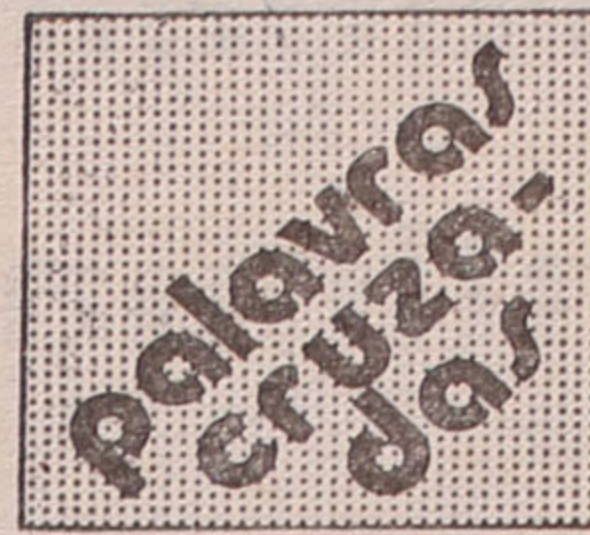
E dizia uma trabalhadora: — Eu não tenho razão de queixa, é verdade, mas lá por não ter hoje posso ter amanhã, o que eles estão a fazer às minhas colegas hoje, amanhã fazem-me a mim. Hoje sou nova

e posso, mas amanhã sou velha e sei lá o que me fazem. Portanto temos de lutar é pelo dia de amanhã.

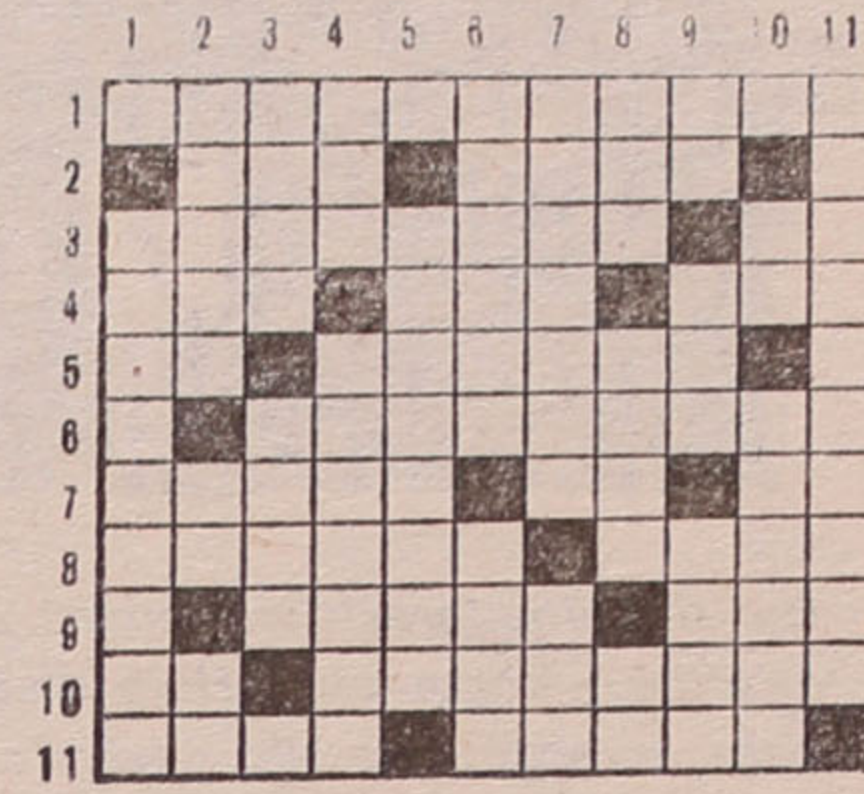
As trabalhadoras mostraram-se ainda muito descontentes pelo desigual tratamento que lhes é dado pela entidade patronal no que diz respeito, por exemplo, ao direito para se deslocarem ao médico com os filhos, autorizando umas a fazê-lo e a outras, «porque és uma malcriada», não lhes é permitido. Também a questão das baixas foi muito criticada, pois que ao que parece o médico da empresa tudo faz para que as trabalhadoras não interrompam o serviço, chegando-se mesmo ao ponto de análises médicas que são feitas pela caixa nunca acusarem nada, mas quando as trabalhadoras mandam fazer análises particulares aparecem os sinais concretos de doença.

continuação da página 5

— Uma vez que agora elegemos os delegados sindicais temos que avançar para a frente. Para já é a questão da contratação colectiva, mas há muitas mais coisas a resolver aqui. Há trabalho excessivo para muitas trabalhadoras porque não se mete mais pessoal e as condições de higiene têm de ser melhoradas. Até aqui nós estávamos totalmente desorganizados, os patrões faziam o que queriam, mas agora pode ser diferente. Talvez por sentirem que o pessoal começava a estar mais despojado deram recentemente um aumento de 1500\$00, como adiantamento em relação ao contrato, e o tratamento tem sido mais fácil, e decerto tudo lhes levava a crer que o pessoal se ia submetendo. Mas a gente vai levando, vai ouvindo e chega a um certo ponto e tem que tomar posição. E aqui estamos.



N.º 126



HORIZONTAIS

1 — Diz-se do homem que conduz os carros-eléctricos; 2 — Sem roupa; rio da URSS que separa a Europa da Ásia; 3 — São precisos para entrar no futebol, no cinema, no comboio, etc.; tem-se a alguém de quem não se gosta (pop.); 4 — Enlaxa; fica do outro lado de Valença; houve uma guerra entre a Inglaterra e a França que durou estes anos todos; 5 — Coaxa, quando quer dizer qualquer coisa; muito agradecidas; 6 — Bairro onde habitavam os Mouros e de que resta um exemplo em Lisboa (pl.); 7 — O que distingue Saturno dos outros planetas; no caso de; Rádio-Televisão; 8 — Compa-

nhia petrolífera americana; vestido indiano; 9 — Este só vale a pena para quem tenha dez ou mais filhos; este saco não tem fundo (interp.); 10 — Ni-quel; subia; 11 — Ordem religiosa de que D. João I foi um dos Mestres; coloca as as.

VERTICAIS

1 — É por ela que o tubarão se denuncia à superfície; 2 — Fantoches apoiados pela África do Sul; néon; quarto; 3 — Lição; movimento-se; 4 — Letras de «hera»; fruto a partir do qual se faz um bom substituto da marmelada (pl.); 5 — Povo que terá precedido os romanos na península itálica; 6 — Multar; unidade de peso usada para o tabaco; 7 — Já nem dentro do CDS há respeito por este senhor professor; plural de «ão»; 8 — Chefe etíope (ant.); de câmetros quadrados; nela; 9 — Artigo antigo; letra grega equivalente ao nosso X; também com este partido o PS já não está coligado; 10 — Ocasião; comanda a traineira; 11 — Lista de nome próprios.

SOLUÇÕES DO N.º 126

HORIZONTAIS

1 — subjacente; 2 — IC; oleiro; 3 — tá; PCM; tare; 4 — uva; apto; ás; 5 — bacanal; TNT; 6 — alegar; paté; 7 — pipeline; 8 — EMI; ecoasse; 9 — napa; agro; 10 — sôra; pé; 11 — suspeitos.

VERTICAIS

1 — Setubalenses; 2 — aval; mão; 3 — Bi; acepipes; 4 — JCP; agi; aru; 5 — canapé; as; 6 — compareça; 7 — el; Ta; fogre; 8 — Neto; piare; 9 — tia; tanso; 10 — errantes; Pó; 11 — Oeste; os.

...e na «Luso-Celulóide»

bituado, até diz que na fábrica dele ganham todos muito bem porque nunca há greves.

Portanto, esta greve de hoje parte das questões relacionadas com a actualização do contrato colectivo mas há, ao que se vê, outras razões para descontentamento dos trabalhadores?

— A vigência do nosso contrato terminou em Março, e já se vai na tona reunião entre sindicatos e entidades patronais e não se chega a nada. A única coisa que até agora os representantes dos patrões propuse-

ram foi um miserável aumento do subsídio de refeição de 45 para 55\$00.

E interrompia um trabalhador: — Que eles almoçam por esse dinheiro. Por vezes até comem mais barato: se chegam a casa e sabem que os trabalhadores estão a fazer um plenário na empresa deles ou na outra nem almoçam, saem logo...

Quanto aos salários em vigor, os trabalhadores com quem falámos fizeram questão de salientar que com o recente reajustamento do salário mínimo

nacional onde há ordenados na empresa que ficam abaixo dele. Mesmo esquecendo o caso dos contratados a prazo, com salários ainda mais baixos, há trabalhadores especializados e semi-especializados com muitos anos de casa que ganham menos de 11 contos. Por outro lado, parece haver também casos de alguns trabalhadores que em categorias inferiores e com menos anos de casa recebem mais no fim do mês, o que terá a ver, certamente, com a «simpatia» com que são vistos pelos patrões, por razões óbvias.

continuação da página 5

CICLOMOTORES DE ESPINHO
ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES
Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.
Motorizadas — Bicycletas — Acessórios
Av. 24 n.º 841 — Tel. 923800 — Apartado 107 — ESPINHO

O Recanto
ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS
Mobiliário Artístico e Decorações
Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 923399

Casimiro, Dias & Casimiro, L. da
ARMAZÉM DE MATERIAL ELECTRICO
RUA 16 N.º 485 TELEF. 922709 — ESPINHO

A MODELAR
Telefone 923088
Rua 16 — Merc. Municipal 4500 ESPINHO
Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

GHURRASCARIA A Grelha
Especialidade em frango e coelho de churrasco à angolana — Codornizes — Bifanas — etc.
Rua 18 n.º 615 Telef. 923442 ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS NA
BOUTIQUE MI
Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Para o seu lar papéis pintados laváveis COLOWALL. Plásticos para dozinhas e casas de banho, alcatifas, etc..
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Fernando Rodrigues Lima
Trav. da Rua 5 — Telefone 921739 — ESPINHO

Ernesto Ferreira
ODONTOLOGISTA
Boca e Dentes
Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto. Telef. 921810 — ESPINHO

Na Escola Secundária de Espinho

Bom, problemas há sempre, e quanto maior for o número de alunos maiores serão as dificuldades. Felizmente não tem havido problemas extremamente graves. Houve no ano passado uns problemas ligados à droga, o que parece ter-se atenuado, se bem que a sua resolução rápida e total seja difícil, mas de resto não tem havido problemas de maior. Há uma associação de estudantes que tem desenvolvido as suas actividades, apoiadas dentro do possível pelo Conselho Directivo, se bem que não se tenha verificado uma grande dinamização nas actividades extra-escolares. Da parte dos professores, há por vezes dificuldade em se integrar nas várias actividades da escola, pois que o facto de a maioria se deslocar diariamente do Porto tem muitos reflexos a nível de disponibilidade de horas. De qualquer maneira, sempre que têm sido solicitados têm colaborado.

No decorrer da conversa que tivemos com os dois professores do Conselho Directivo da Escola Secundária de Espinho, outras questões foram abordadas, sendo chamada a atenção

continuação da página 8

para o deficiente funcionamento dos serviços do Nasé, devido à falta de um quadro de pessoal que garanta uma maior eficácia no cumprimento da importante missão de apoio sócio-económico aos alunos que lhe cabe. Igualmente a falta de um bar ou bufete em condições que possam responder às necessidades da escola nos foi apontada, lamentando-se que as habituais dificuldades burocráticas não tenham ainda permitido que a situação fosse ultrapassada, para o que já foram feitos estudos, inclusive com propostas de alunos. E mais uma vez foi lamentada a baixa procura que se verifica pelas áreas vocacionais ligadas à mecânica, à electricidade e outros cursos técnicos, o que não só deixa desaproveitado muito e valioso material existente, como tem feito esquecer as velhas tradições daquela escola no que se refere à formação de trabalhadores e técnicos capazes que durante anos dali saíram, numa altura em que os cursos estavam estruturados de outra maneira.

RESTAURANTE — SNACK - BAR
O PADRINHO
Especialidade da Casa: Cabrito assado
Aberto todos os dias até às 2 horas da manhã
Av. 24 n.º 697 - Tel. 920665 - ESPINHO

entre-
vista

"Alargamento das áreas de estudos é questão fundamental"

A primeira questão que gostaria de colocar prende-se com o facto de haver uma tão notória diferença no número de alunos que frequentam as duas escolas secundárias da cidade. Enquanto a Escola Manuel Laranjeira rebenta pelas costuras com dois mil alunos, esta não ultrapassa os mil e trezentos. Ora esta situação, incompreensível para a generalidade das pessoas, chega mesmo a justificar insinuações de que há quem pretenda ter poucos alunos para poder dispor de uma escola onde seja mais fácil trabalhar, fazer melhores horários, etc. A que se deve de facto, na perspectiva do Conselho Directivo desta Escola a situação que se vive?

— Claro que nós não vamos atribuir esta situação ao facto de no ano passado ter saído numa entrevista que só a Escola Manuel Laranjeira tinha possibilidades, pelo menos humanas, de ministrar lá o 10.º e 11.º anos, dando a entender que se estava a relegar esta para uma posição subalterna. E não vamos atribuir a actual situação a essa circunstância porque me parece que hoje está muito atenuada a impressão de que os professores dos antigos liceus teriam uma capacidade e uma preparação superiores aos professores das antigas escolas técnicas. O que me parece é que essa insinuação de que nós aqui procuraríamos ter poucos alunos está longe de corresponder a uma realidade, isto porque todos os alunos que vêm procurar esta escola são matriculados. Mas o que parece também é que há maior tendência para se irem matricular lá em cima, na Manuel Laranjeira.

E que razões encontra para isso?

— Bom, influência do antigo elitismo que existia e que predomina ainda. Ainda existe essa ideia de que, para além de qualquer delas ser hoje uma escola secundária, nunca se abstrai que uma foi o antigo liceu e outra a antiga escola técnica, e o antigo liceu era «melhor», ele é que dava acesso à universidade. Isto, por um lado, mas por outro também a questão dos cursos, das áreas que estão à disposição dos alunos a partir do 9.º ano. Na Manuel Laranjeira é que estão as áreas de saúde, de desporto, e administração pública, quer dizer as áreas que dão acesso aos cursos mais procurados: medicina, direito, todos os cursos de letras. Quem tenciona seguir estes estudos tem de ir para a Manuel Laranjeira a partir do 10.º ou então no 12.º ano, o que faz com que haja

lá um maior número de turmas do que aqui.

E considera correcta essa distribuição de áreas de estudos pelas duas escolas?

— O que eu discordo sobretudo é que se faça uma centralização de áreas em determinados estabelecimentos de ensino, o que traz como consequência o que está a acontecer em Espinho, e não só em Espinho, mas por todo o país. É aliás lógico que aquelas áreas funcionem num antigo liceu, onde, por exemplo, haver electrotécnica seria um absurdo pois, não estão apetrechados para tal, o que já acontece com as antigas escolas técnicas. Mas o que não me parece lógico é que nos antigos liceus funcionem e só nesses, as humanísticas, a saúde e até o desporto. Enquanto isso, nós estamos aqui com a electrotécnica e mecanotécnica, que são muito pouco procuradas. Daí nós termos cá uma dezena de alunos no 12.º ano e na outra escola estarem superlotadas as instalações. E isto vai até ao absurdo de termos cá alunos em áreas técnicas no 10.º e 11.º anos que quando chegam ao 12.º e querem continuar estudos de engenharia têm de mudar para a Manuel Laranjeira, pois lá é que existe a área que dá acesso à Faculdade de Engenharia.

ESCOLAS DEVERIAM TER AUTONOMIA PARA RESOLVER OS SEUS PRÓPRIOS PROBLEMAS

E qual será então a solução para a presente situação?

— Uma coisa é certa: não podemos obrigar o aluno que quer frequentar humanísticas a vir aqui matricular-se em electrotécnica. O que me parece é que há determinadas áreas que funcionam na Manuel Laranjeira que também poderiam funcionar aqui, alargando-se portanto o número de áreas que actualmente existem nesta escola. É o caso das humanísticas, da saúde e outras. Simplesmente, tem sido política do ministério dividir pelos estabelecimentos de ensino existentes numa mesma localidade as diferentes áreas de estudo, o que dá o resultado que estamos a ver. Poder-se-ia inclusivamente pensar em transferir para esta escola uma das áreas mais procuradas, humanísticas, por exemplo, e isso já equilibraria um pouco mais os níveis de frequência. Aliás, ainda este ano os conselhos directivos das duas escolas fizeram junto do ministério uma tentativa nesse

sentido, propondo-se que fosse permitido aqui o funcionamento do 10.º ano de desporto, bem como a introdução às actividades económicas. Ora o ministério não só não autorizou, como ainda por cima reduziu o número de turmas de desporto na Manuel Laranjeira, o que obrigou a transferir alunos para áreas que não tinham escolhido.

Com isto, quero dizer que me parece que estas coisas não se resolvem a nível dos técnicos do ministério, devem ser resolvidas por quem está em contacto directo com os problemas, ou seja pelas pessoas que estão nas escolas. Havia de ser possível e permitido que os estabelecimentos de ensino entre si resolvessem essas situações, definindo entre si a distribuição das turmas conforme as necessidades. Mas isto sem ter de recorrer ao ministério,

grande falta de informação. De qualquer maneira, nós também não pensamos que possa haver uma tentativa por parte da Escola Manuel Laranjeira para transformar esta Escola num prolongamento do ciclo, a fim de que na Manuel Laranjeira só viessem a funcionar os anos a partir do 10.º. Isto é coisa que não cabe na cabeça de ninguém, embora também conste no domínio público.

Não existe todavia qualquer questão entre os conselhos directivos das duas escolas que impeça a conjugação de esforços para tentar resolver a presente situação?

— De maneira nenhuma, e como já disse, o problema só não foi já resolvido, pelo menos em parte, porque o ministério não atendeu a nossa proposta.



«Há determinadas áreas que funcionam na Escola Dr. Manuel Laranjeira e que também poderiam funcionar aqui, defende o Conselho Directivo da Escola Secundária de Espinho».

senão só passados dois anos é que vem a resposta.

E vem a propósito referir que há já uma outra questão que se vem falando na cidade e que está a preocupar muita gente, aliás sem necessidade: é o caso de se dizer que no próximo ano só os alunos que andam este ano no 9.º ano da Manuel Laranjeira é que serão aceites no 10.º ano das áreas lá existentes, o que a verificar-se iria impedir os alunos daqui de se irem lá matricular para prosseguir os estudos que quisessem. É claro que isso é uma coisa que não é possível, mas é o que consta.

Por outro lado, também parece haver uma grande falta de informação dos pais e encarregados de educação que logo no 7.º e 8.º anos querem matricular os filhos no antigo liceu, mesmo vivendo aqui à beira desta escola, só porque estão convencidos que lá têm um futuro melhor. Ora isto não se entende, a não ser de facto por uma

Mas espero que novos passos venham a ser dados.

Enquanto isso, esta escola dispõe de instalações, de professores e principalmente de oficinas que permitiriam aos alunos um bom trabalho nos domínios técnicos e que permanecem subaproveitadas.

— Absolutamente. Quer do ponto de vista de material humano, quer em maquinaria, estamos mais do que apetrechados, mas afinal, temos as máquinas desaproveitadas. Temos uma oficina de serralharia em que estão mais de 20.000 contos em maquinaria, temos as oficinas de electricidade, juntamente com o laboratório, em que estão mais de 15 mil contos, a serem aproveitados por um número limitadíssimo de alunos.

Temos mesmo conhecimento de que há pais e encarregados

de educação que lamentam precisamente esse facto e o atribuem também em parte à falta de incentivo para os alunos utilizarem esse equipamento. Segundo essas opiniões, esta escola dispõe de facto de muito mais material do que aquele que em geral é posto ao serviço dos alunos, com prejuízo da sua formação.

— Ora bem, o material que é posto ao serviço dos alunos é aquele que está de acordo com os programas. Concordo que há material em todas as oficinas que não estará efectivamente ao serviço dos alunos porque não está de acordo com os programas actualmente existentes, mas que estava de acordo com os programas que existiam anteriormente, isto porque os antigos cursos de formação técnica eram muito mais exigentes e os alunos saíam com uma formação muito superior à de hoje. Basta dizer que no último ano desses cursos havia umas trinta e seis horas de oficinas por semana, e hoje são talvez umas oito. De resto, tudo aquilo que é necessário para os alunos existe e é posto ao seu serviço.

NASE FUNCIONA MAL, BUFETE NÃO TEM CONDIÇÕES

Mudando agora de assunto, poderíamos abordar a questão do início deste ano lectivo e circunstâncias positivas ou negativas em que se tem verificado.

Sobre isso, a primeira coisa a constatar é que este ano a colocação de professores foi de facto feita em condições mais favoráveis de que em anos anteriores. Neste momento falta apenas um ou outro professor, mas no início do ano havia já um número de professores que permitiram o arranque sem grandes problemas. Quanto à turma de 12.º ano está também em aulas normais, funcionando este ano em horário totalmente diurno.

Gostaria também de referir que esperamos contar com a Associação de Pais, ainda que, como habitualmente, a sua presença só se faça notar mais com o decorrer do ano lectivo.

Um aspecto importante na vida das escolas tem a ver com o ambiente que se vive entre os alunos, o comportamento que assumem uns com os outros e perante a própria instituição que frequentam. Neste domínio que dificuldades têm aparecido? Como é que se sente nesta escola o pulsar dos seus alunos?

continua na página 6

«Sabe que se vão gastar 70.000 contos num parque de campismo? Não acha que seria melhor gastá-los com casa novas aqui, para os pescadores?» A pergunta, «arguta», é de um dos assalariados do jornal da Solverde — Violas. A resposta do pescador, assim apanhado desprevenido, é óbvia: «Acho que era melhor fazer casas».

Assim se faz jornalismo por aquelas bandas: escamoteia-se o facto de a referida verba só poder ser aplicada em estruturas turísticas e vai-se ao Bairro Piscatório explorar a boa fé dos inquiridos, procurando os últimos argumentos para a defesa (já perdida) dos interesses do dono do jornal nos terrenos do parque de Sales.

O assalariado poderia ter aproveitado para perguntar também: «Sabe que o novo casino custou mais de meio milhão de contos?».

WAVE VIVA
ESPINHO

Camara Municipal de
ESPINHO
PORTE PAGO

o fechar